

FLORES TARDIAS

Dedicado a N. I. Kórobov

1

Em casa dos príncipes Priklônski estava-se na hora escura e outonal «depois do almoço».

A velha princesa e a filha, Marússia, encontravam-se no quarto do jovem príncipe, torciam as mãos e imploravam. Imploravam como só as mulheres desgraçadas, em lágrimas, sabem implorar: por amor de Cristo, pela honra, pelas cinzas do pai.

A princesa-mãe, imóvel, chorava em frente do filho.

Dando largas às lágrimas e às palavras, interrompendo a cada momento Marússia, despejava sobre o jovem príncipe censuras, expressões duras e até injuriosas, misturadas com carinhos, súplicas... Mencionou mil vezes o comerciante Fúrov que lhes protestara uma letra, o falecido pai cujos ossos, agora, não tinham paz no caixão e assim por diante. Lembrou-lhe, até, o doutor Toporkov.

O doutor Toporkov era o dedo na ferida para os príncipes Priklônski. O pai de Toporkov era Senka, servo da gleba, criado grave do falecido príncipe. Nikífor, seu tio materno, ainda era criado grave junto de Sua Excelência o príncipe Egóruchka. E ele próprio, doutor Toporkov, na sua primeira infância levava cachaçadas em casa dos príncipes por facas e garfos mal lavados, por botas e samovares mal limpos. Mas agora — não seria um disparate? — era um brilhante médico jovem, vivendo como um senhor numa

casa escandalosamente grande, andava de caleche puxada a parelha, como se quisesa gabar-se, fazer ver alguma coisa aos Prik-lônski que andavam a pé e, quando precisavam de alugar carruagem, regateavam muito o preço.

— Toda a gente o respeita — disse a princesa, chorando e não limpando as lágrimas —, toda a gente gosta dele, é rico, é um bonito, é recebido por todos... O teu antigo criado, sobrinho de Nikífor! É uma vergonha! E porquê? Porque se porta bem, não se mete em pândegas, não trava amizade com pessoas reles... Trabalha de manhã à noite... E tu? Oh, Deus nosso Senhor!

A princesa Marússia, menina dos seus vinte anos, lindinha como uma heroína de romance inglês, com maravilhosos caracóis de cabelo cor de estriga, com grandes olhos inteligentes cor do céu meridional, implorava ao irmão Egóruchka com a mesma energia.

Falava ao mesmo tempo que a mãe e beijava o irmão no seu bigode picante com cheiro a vinho azedado, acariciava-lhe a calva e as faces, e colava-se a ele como um cãozinho assustado. Não dizia nada além de palavras de ternura. A jovem princesa era incapaz de imputar ao irmão a mínima coisa que fizesse lembrar, mesmo de longe, uma alfinetada. Gostava tanto dele! Na sua opinião, aquele seu mano depravado, hussardo na reserva, era uma expressão da verdade superior e um exemplo de virtude da maior qualidade! Tinha a convicção, uma convicção quase fanática, de que aquele parvalhão bêbedo tinha um coração grande, de fazer inveja a todas as fadas dos contos tradicionais. Via nele um azarado, um homem não compreendido, não reconhecido. Desculpava a sua devassidão de bêbedo quase com enlevo. Pudera! Há muito que o príncipe Egóruchka a convencera de que bebia por amargura: afogava em vinho e vodca um amor desesperado que lhe queimava a alma, e tentava expulsar da sua cabeça hussarda a divina imagem da amada nos abraços de reparigas também depravadas. Pois, mas que Marússia, que mulher em geral não considera o amor como um motivo mil vezes justificador e que iliba tudo? Que mulher?

— Georges! — dizia Marússia, apertando-se a ele e beijando-lhe a cara chupada, de nariz vermelho. — Bebes por desgraça, é

verdade... Mas esquece, então, a tua desgraça! Será que todos os infelizes devem beber? Aguenta, ganha coragem, luta! Sê forte! Com o teu intelecto, com a tua alma honesta e cheia de amor, é possível suportar os golpes do destino! Oh! Vocês, os azarados, são todos uns fracos!...

E Marússia (que o leitor a perdoe) recordou o Rúdin do romance de Turguénev¹ e pôs-se a discursar sobre ele para Egóruchka.

O príncipe Egóruchka estava deitado na cama, fixando o tecto com os seus olhinhos vermelhos, de coelho. Na cabeça tinha um ligeiro zunido, na região do estômago, uma agradável saciedade. Acabara de almoçar, de beber uma garrafa de vinho tinto e agora, fumando um charutinho de três copeques, deliciava-se. Sentimentos e desígnios dos mais variados calibres pululavam nos seus miolos enevoados e na sua alminha lamuriante. Tinha pena da mãe lacrimosa e da irmã, mas ao mesmo tempo apetecia-lhe muito expulsá-las do quarto: não o deixavam fazer uma soneca... Ressentia-se por se atreverem a sermoneá-lo, mas, ao mesmo tempo, pequeninos remorsos cocegavam-lhe a consciência, pelos vistos também pequenina. Era estúpido, mas nem tanto que não percebesse ser ele, em parte, a causa de a casa dos Priklônski ir ao fundo...

A princesa-mãe e Marússia passaram muito tempo a implorá-lo. Na sala de estar acenderam as luzes, entretanto chegou uma visita, mas elas não pararam com os rogos e as implorações. Por fim, Egóruchka ficou farto de estar na cama e não dormir. Espreguiçou-se estalando as articulações e disse:

- Está bem, vou corrigir-me!
- Dás a tua palavra de homem honrado e nobre?
- Que Deus me castigue se não!

A mãe e a irmã agarraram-se a ele e obrigaram-no a jurar mais uma vez por Deus e por sua honra. Egóruchka voltou a jurar por Deus e pela honra, e disse: que raios me fulminem neste mesmo lugar se não deixar de levar uma vida desregrada. A princesa obrigou-o a beijar o ícone. Beijou-o e benzeu-se três vezes. Foi, em suma, o mais solene dos juramentos.

— Acreditamos em ti! — disseram a princesa e Marússia, e precipitaram-se a abraçar Egóruchka.

Acreditaram. Como seria possível não acreditar numa firme palavra de honra, numa jura exaltada e na osculação do ícone, tudo junto? Além do mais, onde há amor, a confiança é incondicional. Ambas se animaram e, radiosas, como judeus festejando a renovação de Jerusalém, foram festejar a renovação de Egóruchka. Quando conseguiram que a visita se despedisse, sentaram-se a um cantinho e começaram a cochichar: como Egóruchka se ia emendar, como ia enveredar por uma vida nova... Concluíram que Egóruchka iria longe, que muito em breve ia regularizar a situação e elas não iriam sofrer de miséria — esse Rubicão vergonhoso, cuja travessia é o triste destino de todos os esbanjadores. Concluíram, até, que Egóruchka se casaria, sem dúvida, com uma menina rica e bela. É tão bonito, inteligente e de família tão nobre que é pouco provável encontrar-se uma mulher que se atreva a não se apaixonar por ele! No fim, a princesa contou biografias de antepassados que Egóruchka, muito em breve, começaria a imitar. O avô dos Prik-lônski era embaixador e falava todas as línguas europeias, o pai era comandante de um dos mais destacados regimentos, e o filho seria... seria... seria o quê?

— Ainda vão ver o que ele será! — rematou a jovem princesa.
— Ainda vão ver!

Deitaram-se, embalaram-se uma à outra, conversaram ainda muito sobre o futuro maravilhoso. Depois adormeceram, tiveram sonhos encantatórios. Dormindo, sorriam de felicidade — tão bons eram os sonhos! O destino, provavelmente, recompensava-as com sonhos por todos os horrores que iriam viver no dia seguinte. O destino nem sempre é avarento: por vezes, paga adiantado.

Cerca das três da madrugada, no momento exacto em que a princesa sonhava com o seu bebé em deslumbrante uniforme de general, e enquanto Marússia, no seu respectivo sonho, batia palmas ao irmão que acabara de proferir um discurso brilhante, uma simples charrete de praça parou à porta dos príncipes Prik-lônski. Na charrete vinha um empregado de mesa do Château des Fleurs,

abraçando o nobre corpo do príncipe Egóruchka, meio-morto de bêbedo. Egóruchka estava sem sentidos e, nos braços do *garçon*, baloiçava como um ganso acabado de matar que levavam para a cozinha. O cocheiro saltou da boleia e tocou à campainha da porta. Nikífor e o cozinheiro saíram, pagaram ao cocheiro e levaram o corpo bêbedo pela escada acima. O velho Nikífor, sem se espantar nem se aterrorizar, despiu com mão habituada o corpo imóvel, deitou-o no colchão e pôs-lhe em cima o cobertor. A criadagem não pronunciou palavra. Há muito, muito tempo se acostumara a ver o seu senhor como um objecto que era preciso transportar em braços, despir e cobrir. Nada de surpreendente, nada de sustos: o Egóruchka bêbedo era rotina, coisa batida para eles.

Mas na manhã do dia seguinte assustaram-se mesmo, aterrorizaram-se.

Cerca das onze, quando a princesa e Marússia estavam a tomar o café, Nikífor entrou na sala de jantar e anunciou a Suas Exce-lências que qualquer coisa má estava a acontecer ao príncipe Egóruchka.

— Estou que ele se fina, senhoras! — disse Nikífor. — Vão lá ver!

As caras da princesa e de Marússia ficaram brancas como um lençol. Um pedaço de biscoito caiu da boca da princesa. Marússia derrubou a chávena e apertou as mãos contra o peito: o seu coração alarmado, apanhado de surpresa, batia violentamente.

— *Portantos*, o senhor chegou às três da madrugada, bem bebido — relatou Nikífor em voz trémula. — Como de costume... E agora, só Deus sabe porquê, só estrebucha e geme...

A princesa e Marússia agarraram-se uma à outra e correram ao quarto de Egóruchka.

Egóruchka parecia ainda mais magro, ressaltava-lhe a tez lívida e esverdeada, o cabelo todo desgrenhado. Debaixo do pesado cobertor de flanela, respirava gravemente, muito agitado. Não parava de tremer, não deixava de mexer as mãos e a cabeça. Soltava do peito uns gemidos fundos. Do bigode pendia-lhe uma pinga vermelha, pelos vistos de sangue. Se Marússia se inclinasse para a